



LIVRO UM



OS DEMÓNIOS



• 1 •

Ela foi levada para um lugar onde nunca estivera. Era muito mais nítido que um sonho, tinha uma profundidade, e uma cor, e detalhes delicados que o faziam parecer mais real do que quando estava com a sua mãe no quintal, mais real do que as horas de devaneio que às vezes passava a olhar para o grande lago de Magdala, tão grande que o chamavam de mar: o mar da Galileia.

Foi transportada para cima e colocada sobre um pilar, ou uma plataforma, não sabia precisá-lo. E à sua volta, na base onde se encontrava, havia pessoas que olhavam para ela. Virou a cabeça para o lado e viu que outros pilares também tinham pessoas em cima, que havia uma extensa fileira deles, estendendo-se até onde os seus olhos alcançavam. O céu era de uma cor amarelada, uma cor que já tinha visto uma vez, quando se levantara uma tempestade de areia. O sol tinha-se apagado, mas ainda havia luz, uma luz dourada e difusa.

Então, alguém se aproximou dela — estariam a voar, seria um anjo, como teriam chegado até ali? — pegou-lhe na mão e disse: — Vens? Vens conosco?

Sentiu a mão segurar as suas; era lisa como uma pedra de mármore; não era fria, nem quente, nem húmida, era perfeita. Queria apertá-la, mas não ousou.

— Sim — disse, finalmente.

E, então, aquela imagem — ainda não sabia quem era, não ousava olhar para o seu rosto, apenas para os seus pés, com sandálias douradas — levantou-a para o alto e levou-a embora, e a viagem foi tão vertiginosa que ela perdeu o equilíbrio e começou a cair, a mergulhar, e estava muito escuro por baixo dela.

•••

Sentou-se com um sobressalto. O óleo da lamparina tinha acabado. Do lado de fora, ouvia o som delicado da água do grande lago, próximo da sua janela, a bater nas margens.

Estendeu a mão e tocou-a. Estava húmida. Teria sido por isso que aquele ser a abandonara, deixando-a cair? Esfregou a mão com força.

Não, deixa-me secar a minha mão! Gritou, silenciosamente. Não me abandones! Eu posso secá-la!

— Volta — murmurou ela.

Mas a única resposta foi o silêncio do quarto e o barulho da água.

Precipitou-se para o quarto da sua mãe e do seu pai. Estavam a dormir profundamente; não precisavam de lamparina, dormiam às escuras.

— Mãe! — gritou, agarrando o seu ombro. — Mãe! — Sem permissão, subiu para a cama e aconchegou-se entre as mantas quentinhas, junto de sua mãe.

— O que... o que foi? — A sua mãe lutava para articular as palavras. — Maria?

— Tive um sonho tão estranho — choramingou. — Estavam a levar-me para o alto... para um céu, não sei bem para onde, só sei que não era neste mundo, havia anjos, acho eu, ou... não sei muito bem... — Parou, com a respiração ofegante. — Acho que fui... que fui chamada. Chamada para me juntar a eles, para fazer parte da sua companhia... — Mas tinha-se assustado e não teve a certeza de querer juntar-se a eles.

Então, o seu pai sentou-se na cama. — Que história é essa? — disse. — Um sonho? Sonhaste que te estavam a chamar?

— Natan — a mãe de Maria estendeu o braço para o acalmar, tocando-lhe no ombro.

— Não sei se estava a ser chamada — disse Maria, em voz baixa. — Mas tive esse sonho, com pessoas que estavam em lugares muito altos e...

— Lugares altos! — gritou o seu pai. — Isso é onde estavam os antigos ídolos pagãos. Nos lugares altos!

— Mas não eram pedestais — respondeu Maria. — Era diferente. As pessoas que estavam a ser homenageadas estavam num local acima das outras, e eram pessoas, não eram estátuas...

— E tu achas que foste chamada? — perguntou o seu pai. — Porquê?

— Perguntaram-me se me juntaria a eles. Disseram: «Vens connosco?» — Ao dizer isto, pôde ainda ouvir as doces vozes.

— Devias saber, filha, que se acabaram as profecias na nossa terra — disse o seu pai, finalmente. — Palavra alguma foi pronunciada por um profeta desde o tempo de Malaquias, e isso foi há quatrocentos anos. Há muito tempo que Deus não nos fala dessa forma. Fala-nos somente através da Lei Sagrada. E isso basta-nos.

Mas Maria sabia o que tinha visto, uma glória e um calor transcendentes. — Mas, pai — insistiu — a mensagem e o convite foram tão claros. — Disse, em voz baixa e respeitosa. Mas ainda estava a tremer.

— Minha querida filha, foi uma ilusão. Foi apenas um sonho, talvez por nos estarmos a preparar para ir a Jerusalém. Deus não te ia chamar. Agora volta para a tua cama.

Ela agarrou-se à mãe, mas esta afastou-a para o lado. — Faz como o teu pai te diz — mandou.

Maria voltou para o seu quarto, ainda envolvida pela majestade do sonho. Fora real. Ela sabia que fora real.

E, se fora real, então o seu pai estava enganado.

•••

Nas horas que antecederiam o nascer do sol, a família preparava-se para a peregrinação a Jerusalém, para a Festa das Semanas. Maria estava excitada, porque os adultos andavam ansiosos com a viagem, e porque a visita a Jerusalém era a ambição de todos os judeus. No entanto, o principal motivo do seu entusiasmo devia-se a, com sete anos de idade, nunca ter saído de Magdala e, certamente, haveria aventuras pelo caminho. O seu pai mencionara-as, de passagem, quando dissera: — Vamos a Jerusalém pelo caminho mais curto, por Samaria, e por isso levaremos três dias de viagem, em vez de quatro. Mas é perigoso. Têm acontecido ataques contra peregrinos. — E abanou a cabeça. — Ouvi até dizer que os samaritanos ainda têm ídolos. Já não tão expostos, claro, nem ao longo da estrada, mas...

— Que tipo de ídolos? Eu nunca vi um ídolo! — quis saber Maria.

— E espero que nunca vejas!

— Mas como é que vou saber que é um ídolo quando vir um?

— Vais saber — respondeu o seu pai. — E debes afastar-te dele!

— Mas...

— Basta!

Por enquanto Maria lembrar-se-ia disso, mas a curiosidade que antes tinha por Jerusalém desaparecera devido ao sonho ainda tão presente nela, no escuro.

Ocupada com as preparações finais para a viagem, a mãe de Maria, Zebida, interrompeu, de repente, o que fazia para encher de cereais as sacolas de viagem, e inclinou-se para a filha. Não mencionou o sonho. Mas disse:

— Bem, quanto à viagem, não debes misturar-te com as outras famílias que também vão, à excepção daquelas que eu disser que são aceitáveis. Tanta gente que não cumpre a Lei e que só quer ir a Jerusalém — e mesmo ao Templo! — como se fosse uma espécie de passeio! Mantém-te junto das famílias praticantes da fé. Entendeste? — Olhou Maria de uma maneira dura. Nesse instante, o seu belo rosto não era belo, mas proibitivo.

— Sim, mãe — disse.

— Nós seguimos a Lei com rigor e é assim que deve ser — continuou a sua mãe. Os outros... os pecadores, que cuidem de si. Não cabe a nós salvá-los dos seus pecados. Pois ao nos misturarmos com eles, seremos

contaminados.

— Como misturar leite com carne? — perguntou Maria. Sabia dessa proibição absoluta, tanto que qualquer coisa originária de ambos tinha de se manter separada.

— Exactamente — respondeu a mãe. — E pior ainda, pois a sua influência não desaparece depois de um ou dois dias, como a do leite e a da carne. Fica dentro de nós, a corromper e a corromper.

•••

Estavam todos prontos. As seis famílias que iriam viajar juntas esperavam, na estrada a seguir a Magdala — com os burros carregados e de trouxa às costas — pelos grupos maiores das cidades vizinhas, que se juntariam àquelas para a viagem a Jerusalém. Maria ia montada num burro: como era a mais nova dos viajantes, não tinha resistência para caminhar longas distâncias. Talvez no regresso estivesse tão forte que nem precisasse sequer de montar. Era isso que esperava.

Começara a estação seca e Maria já sentia, no rosto, o calor do sol. Este encontrava-se, brônzeo, sobre o mar da Galileia, de onde inicialmente nascera, por detrás das montanhas. De madrugada, as montanhas do outro lado do lago tinham a cor de uvas maduras; agora, ganhavam a sua cor verdadeira, de terra e pedra. Eram nuas e, ao olhá-las, Maria achou-as malélicas. Mas talvez isso fosse porque a terra dos antigos amonitas tinha má reputação, como velhos inimigos de Israel.

O que teriam os amonitas feito de tão mau? O rei David tivera problemas com eles. Mas a verdade é que tivera problemas com toda gente. E também havia aquele deus maldito que eles adoravam — Maria não conseguia lembrar-se do seu nome. Obrigava os amonitas a sacrificarem os seus filhos, queimando-os. Mo... Mol... Moloc. Era esse o nome dele.

Levantou a mão e pestanejou enquanto olhava para o outro lado do lago. De onde se encontrava não dava para ver nenhum templo de Moloc.

Sentiu um arrepio, mesmo sob o sol quente. Não vou pensar mais em Moloc, disse, com firmeza, para si própria. O lago, brilhando ao sol, pareceu concordar. Estava bonito demais, com as suas águas azuis, para ser manchado pelos pensamentos de uma divindade sangrenta; Maria acreditava firmemente que deveria ser o lugar mais bonito de Israel. Dissessem o que dissessem sobre Jerusalém, como poderia alguma coisa ser mais bonita do que aquele oval reservatório de água, de um azul brilhante, cercado pelas montanhas que o protegiam?

Via os barcos de pesca, lá longe, sobre as águas; eram muitos. E era por causa do peixe que a sua cidade de Magdala era famosa — peixe que era salga-

do, arranjado, negociado e enviado para o mundo inteiro. O peixe de Magdala estava presente nas mesas de Damasco e de Alexandria. E em sua casa, pois Natan, o seu pai, era exímio a arranjar o peixe que armazenava no armazém, e o seu irmão mais velho, Samuel — que, enquanto comerciante, adoptara o nome grego de Silvanus — era o gerente comercial, tratava das vendas tanto com a população local como com os estrangeiros. Portanto, aquele enorme mosaico com um peixe e um barco de pesca, que decorava o hall de entrada, representava a fonte de riqueza da família. Todos os dias, ao passar por ele, lembravam-se de agradecer pela sua boa sorte e pela imensidão dos peixes de Deus existentes no seu mar.

Um vento leste bateu nas águas do lago, fazendo tremer a sua superfície; ela observava as pequenas ondulações que, de facto, pareciam as cordas de uma harpa. O nome antigo, e poético, do lago era Quinerete, lago Harpa, devido ao seu formato e também devido aos desenhos do vento a bater na água. Maria quase conseguia ouvir o som agradável de cordas a serem tocadas, cantando para ela através das águas.

— Lá vêm eles! — O pai de Maria gesticulava, mostrando-lhe que devia levar o burro para junto dos outros. Na estrada empoeirada, ela via uma grande caravana a aproximar-se. Além da massa de peregrinos, viam-se um ou dois camelos ao lado dos burros.

— Devem ter celebrado o Sabat até muito tarde, ontem — disse, maliciosamente, a mãe de Maria. Estava aborrecida; o atraso na partida era um transtorno. De que servia atrasar a partida para depois do Sabat se, de qualquer maneira, se perderia meio-dia? Nunca se começava uma viagem na véspera do Sabat, ou mesmo na antevéspera, se a viagem fosse longa. A lei judaica, que proibia caminhar mais que uma milha romana no dia do Sabat, significava que se perderia um dia de viagem.

— O Sabat é uma desculpa para perder tempo — disse, em voz alta, o irmão de Maria, Silvanus. — Essa insistência no cumprimento estrito do Sabat prejudica-nos no comércio exterior; os gregos e os fenícios não descansam um único dos sete dias da semana!

— Sim, Samuel, nós sabemos das tuas simpatias pagãs — respondeu o outro irmão mais velho de Maria, Eli. — Daqui a pouco vais-te pôr a correr nu pelo ginásio, com todos os teus amigos gregos.

Silvanus — ou melhor, Samuel — lançou-lhe apenas um olhar irado. — Não tenho tempo para isso — disse, friamente. — Estou muito ocupado a ajudar o pai com os negócios. Mas tu, com todo o tempo livre para estudar as escrituras e consultar rabinos, tens certamente tempo suficiente para ir ao ginásio ou a qualquer outro lugar de diversão que desejes.

Eli irritou-se, tal como Silvanus sabia que aconteceria. O mais novo tinha um temperamento feroso, apesar dos seus esforços para aprender os

caminhos e os porquês de Javé. Com o seu perfil delicado, o nariz aquilino e a aparência nobre, poderia passar por grego, pensou Silvanus. Ao passo que ele — quase dava uma gargalhada — parecia-se mais com aqueles estudiosos que passavam o dia curvados sobre a Tora na beth há-Midrash, a Casa do Saber. Javé devia ter um sentido de humor enorme.

— O estudo da Tora é a coisa mais importante que um homem pode fazer — respondeu Eli, com firmeza. — Preenche o lugar de qualquer outra actividade de natureza moral.

— Sim, e, no teu caso, exclui qualquer outra actividade que seja.

Eli resmungou e afastou-se, puxando o burro e voltando as costas para Silvanus, que se limitou a rir.

Maria já se tinha habituado a ouvir aquelas discussões, sob as mais diversas formas, entre os seus irmãos de vinte e um e dezoito anos. Nunca chegavam a conclusão alguma e nunca as aprofundavam. A sua família era profundamente religiosa e cumpria todos os rituais e obrigações; só Silvanus demonstrava impaciência para com o que o seu pai chamava «a perfeita Lei do Senhor».

Maria gostaria de poder estudar essa lei judaica na pequena escola anexa à sinagoga, a beth ha-sefer, e ver por si própria. Ou então roubar os conhecimentos que Silvanus adquirira ao estudar a Tora, já que não os parecia querer. Mas não era permitido às raparigas frequentarem a escola, pois não podiam ocupar funções oficiais na religião. O seu pai repetia, com firmeza, as exigências do rabino: — Seria preferível ver a Tora queimada do que ouvi-la dos lábios de uma mulher.

— Devias aprender grego, para poderes ler A Iliada — sugerira uma vez Silvanus, com uma risada. Eli, naturalmente, opusera-se, explodindo. Mas Silvanus insistira: — Se é proibido a alguém conhecer a sua própria literatura e ciência, não se verá essa pessoa forçada a procurar outras?

Silvanus tinha razão; os gregos eram abertos a que outros conhecessem a sua cultura, enquanto que os judeus guardavam a sua como um segredo. Cada uma das atitudes resultava de pensarem que a sua era uma cultura superior: os gregos achavam que uma pitada de cultura grega conquistaria, imediatamente, qualquer pessoa, enquanto que os judeus entendiam que a sua era tão preciosa que seria profanada caso fosse oferecida a qualquer um. Isso, naturalmente, aumentava a curiosidade de Maria em relação a ambas. Iria aprender a ler, disse a si própria, e depois iria descobrir sozinha a magia e os mistérios das Sagradas Escrituras.

•••

Os dois grupos de viajantes encontraram-se na encruzilhada da estrada, acima

de Magdala — eram, agora, cerca de vinte e cinco famílias que iriam fazer a viagem. Muitos deles eram parentes, distantes ou não, e, portanto, um grande número de primos, de terceiro, quarto, quinto ou sexto grau, iriam encontrar-se e brincar juntos durante a viagem. A família de Maria viajava apenas junto das famílias que eram muito rigorosas quanto à fé. Quando se preparavam para continuar a procissão, Eli não resistiu em provocar Silvanus.

— Não entendo por que carga de água estás a fazer esta viagem — disse — uma vez que não concordas com o nosso modo de pensar. Para quê ir a Jerusalém?

Em vez de uma resposta ordinária, Silvanus, pensativo, disse:

— Por causa da história, Eli, por causa da história. Adoro cada uma das pedras de Jerusalém, porque elas contam histórias — e fazem-no com mais clareza e objectividade do que as palavras dos pergaminhos.

Eli ignorou a seriedade com que o seu irmão respondera. — É uma história que nem conhecerias, se não tivesse sido escrita nas próprias escrituras que desprezas! Não são as pedras que falam e nos contam a história, mas sim os escribas que a registam para a posteridade.

— Lamento que só dê crédito a ti próprio através dos sentimentos mais requintados — disse Silvanus, por fim. E parou, juntando-se a outro grupo; não ficaria próximo do seu irmão o resto da viagem.

Maria não sabia com qual deles ficar, portanto dirigiu-se para onde estavam os pais. Caminhavam de forma resoluta, olhando na direcção de Jerusalém. O sol estava forte e a claridade fazia com que pestanejassem, protegendo os olhos com a mão.

Nuvens de poeira sopravam. O verde surpreendente da Primavera da Galileia começara a desaparecer, dando lugar a um tom pardo e fosco; as coloridas flores silvestres que pontilhavam as ladeiras dos morros tinham murchado e desaparecido. Até à chegada da próxima Primavera, a paisagem iria tornar-se progressivamente mais escura e aquela gloriosa explosão da natureza iria transformar-se em mera recordação. A Galileia era a região mais exuberante do país, parecendo-se a um paradisíaco jardim persa em terra de Israel.

Os galhos das árvores de fruto estavam repletos de maçãs e romãs; via-se o verde brilhante dos figos a espreitar por entre as folhas. E as pessoas colhiam-nos; os figos novos nunca permaneciam nas árvores por muito tempo.

O grupo, desajeitado, ia subindo com dificuldade até ao topo das colinas que rodeavam o lago, e Maria pôde olhá-lo uma última vez, antes que desaparecesse por completo.

Adeus, lago Harpal!, cantarolou para si própria. Não havia a angústia da despedida, apenas a expectativa do que viria. Estavam a caminho, a estrada chamava-os e, em pouco tempo, as colinas e as montanhas que Maria conhecia

desde a mais tenra idade desapareceriam, para dar lugar a coisas que nunca vira. Seria maravilhoso, seria como receber um presente extraordinário, como abrir uma caixa cheia de objectos novos e brilhantes.

Pouco depois chegavam à Via Maris, uma estrada mais larga e uma das principais desde os tempos da Antiguidade. E também muito movimentada: cheia de comerciantes judeus; as figuras esguias e de olhos penetrantes dos nabateus, nos seus camelos; negociantes da Babilónia, envoltos por túnicas de seda e exibindo brincos de ouro que, a Maria, lhe pareciam muito pesados. Inúmeros gregos, também, que se misturavam com os peregrinos que se dirigiam para Sul. Mas havia um tipo de viajante que todos os outros evitavam: os romanos.

Os soldados eram fáceis de reconhecer, por causa dos uniformes, dos saiotes esquisitos, com tiras de couro a cobrir as pernas peludas; mas o romano comum era mais difícil de identificar. No entanto, os adultos não tinham esse tipo de dificuldade.

— Um romano! — sussurrou o seu pai, fazendo sinal para que ela se sentasse atrás dele quando se aproximava um homem estranho. Embora a estrada estivesse cheia de gente, Maria notou que ninguém passava próximo dele. Ao passar, ele pareceu virar a cabeça na sua direcção, olhando-a com curiosidade. E ela devolveu-lhe o olhar, com o seu rosto meigo.

— Como é que o senhor sabia que era um romano? — perguntou, curiosa, ao seu pai.

— Pelo cabelo — explicou-lhe. — E por ter a barba tão bem-feita. De facto, a túnica e as sandálias poderiam pertencer a um grego ou a qualquer outro estrangeiro.

— E também pelo olhar deles — disse a sua mãe, de repente. — É o olhar de alguém que pensa possuir tudo o que vê.

•••

Chegarama um lugar onde o terreno era plano, vasto e agradável. Algumas árvores, espalhadas, formavam sombras que pareciam ser frescas; o sol, agora, estava precisamente sobre as suas cabeças. Havia montanhas isoladas, de ambos os lados da estrada: à direita, o monte Tabor, e à esquerda, o monte Moré.

Quando se aproximavam da ladeira do monte Moré, Silvanus surgiu, de repente, ao seu lado e apontou para a montanha. — Cuidado com a feiticeira! — gracejou. — A feiticeira de Endor!

Ela pareceu não compreender e ele explicou-lhe: — É a feiticeira que o rei Saul procurou para trazer de volta o espírito de Samuel. Era aqui que ela vivia. E as pessoas dizem que é um lugar assombrado. Se fores até ali,

sentares-te debaixo de uma árvore e esperares... quem sabe não trarás de volta algum espírito?

— Isso é verdade? — perguntou Maria. — Diz-me a sério. — Parecia uma coisa terrível, ser-se capaz de invocar espíritos, principalmente os espíritos de pessoas mortas.

— Não sei se é realmente verdade — confessou Silvanus, sem sorrir. — Está nas escrituras, mas... — encolheu os ombros. — Também está nas escrituras que Sansão matou mil homens com o osso maxilar de um burro morto.

— Como é que eu iria saber que era um espírito? — insistiu Maria, deixando de lado a história do osso.

— Dizem que se reconhecem os espíritos pelo medo que eles inspiram — disse Silvanus. — Mas, falando sério, se alguma vez te encontrares com um espírito, sugiro que corras na direcção oposta. A única coisa que se sabe é que são perigosos. O que eles querem é desencaminhar as pessoas, destruí-las. Acho que foi por isso que Moisés proibiu qualquer contacto com eles. — E tornou a ficar céptico. — Se é que o fez...

— Por que é que dizes essas coisas? Não acreditas que seja verdade?

Ele hesitou. — Bem... sim, acho que deve ser verdade. E se não for absolutamente verdadeiro que Moisés o tenha dito, ainda assim é uma boa ideia. A maioria das coisas que Moisés disse foram boas ideias.

Maria riu-se. — Às vezes falas realmente como um grego.

— Se parecer um grego significa pensar cuidadosamente nas coisas, então eu teria orgulho em ser rotulado como tal. — E riu-se também.

•••

E for ampassando por mais montanhas, com mais fama do que tamanho: o monte Gilboa, à esquerda, onde Saul morrera a lutar contra os filisteus; e à direita, ao longe, apenas visível no final da extensa planície, erguendo-se como uma torre, o monte Megido, onde seria travada a batalha do Juízo Final.

Pouco depois do monte Gilboa, atravessaram a fronteira com a Samaria. A Samaria! Maria agarrou-se com força à garupa do seu burro. Perigo! Perigo! Seria realmente perigoso? Olhou com atenção à sua volta, mas a paisagem era a mesma — os mesmos morros pedregosos, as planícies poeirentas e algumas árvores espalhadas. Tinham dito que havia bandidos e rebeldes que utilizavam as cavernas próximas de Magdala para se esconderem, mas ela nunca os vira perto de casa. Agora, esperava ver alguma coisa, pois já tinham entrado em território inimigo.

Não tiveram de esperar muito. Pouco tinham andado quando um grupo de miúdos, à beira da estrada, começou a atirar pedras, injuriando e gritan-

do insultos nas suas vozes roucas, guturais: — Cães... Escória da Galileia... Falsificadores dos livros sagrados de Moisés... — E alguns deles cuspiam. A mãe e o pai de Maria olhavam em frente, fingindo não os ver ou ouvir, o que os irritava ainda mais.

— Vocês são surdos, é? Então oiçam só! — E começaram a soprar num chifre de carneiro, produzindo barulhos terríveis e fazendo assobios estranhos, cavernosos. O ódio parecia vibrar no ar. Mas os galileus não olhavam nem respondiam aos insultos. Maria tremia, sobre o seu burro, quando passou à distância de pouco mais de um braço de um punhado de rufiões. Depois, felizmente, foram-se distanciando, perdendo-os de vista e, em seguida, deixando de os ouvir.

— Que coisa horrível — desabafou Maria, quando conseguiu falar. — Por que é que nos odeiam tanto?

— É uma história muito antiga — disse o seu pai. — E dificilmente mudará durante as nossas vidas.

— Mas porquê? De onde vem esse ódio?

— É uma história muito comprida — disse o seu pai, com amargura.

— Eu vou contar — disse Silvanus, emparelhando o seu burro. — Conheces a história do rei David, não é verdade? E a do rei Salomão?

— Claro que sim — respondeu Maria, orgulhosamente. — Um, foi o maior guerreiro que já tivemos, e o outro, o mais sábio.

— Mas não foi sábio o suficiente para ter um filho sábio — disse Silvanus. — O seu filho fez com que os súbditos ficassem tão zangados que dez das doze tribos de Israel foram-se embora do seu reino e fundaram um outro, no Norte. Escolheram um general para ser o seu rei, Jeroboão.

Jeroboão. Ela já ouvira falar dele, e o que quer que fosse, não tinha sido coisa boa.

— Como o povo do Norte já não podia ir ao Templo, em Jerusalém, Jeroboão mandou construir novos altares, com bezerros de ouro para serem adorados. Deus não gostou e puniu-o enviando os assírios para destruir o seu país e fazer deles prisioneiros. E foi esse o fim de dez das tribos de Israel. Desapareceram na Assíria e jamais voltaram. Adeus Ruben, adeus Simeão, adeus Dan e Aser...

— Mas agora a Samaria não está vazia — disse Maria. — Quem são aquelas pessoas mal-educadas que gritavam connosco?

— Os assírios trouxeram pagãos para colonizar estas terras! — gritou Eli, que ouvia a conversa. — Juntaram-se aos poucos judeus que tinham ficado para trás e deram origem a essa horrível mistura da fé pura de Moisés com o paganismo. Uma coisa terrível! — Contorceu o rosto com repugnância. — E não digas que eles não tiveram escolha!

Maria encolheu-se. Não pretendia dizer isso.

— Toda a gente tem escolha! — continuou Eli. — Alguns dos membros das dez tribos eram fiéis a Jerusalém. Por isso não foram punidos nem enviados para a Assíria. Foi o que a nossa família fez. Nós éramos — e somos! — da tribo de Neftali. Mas fomos sempre fiéis! — Tinha levantado o tom de voz e parecia furioso. — E devemos continuar a ser fiéis!

— Sim, Eli — respondeu Maria, submissamente. E questionava-se como se faria isso.

— Ali, ao longe — apontou em direcção ao Sul — no monte Gerizim, eles praticam rituais heréticos!

Ele ainda não respondera à sua pergunta, por isso ela reformulou-a. — Mas por que é que eles nos odeiam?

Silvanus inclinou a cabeça na direcção do irmão. — Porque nós os odiamos e o demonstramos.

•••

O resto do dia foi tranquilo. Quando passavam pelos campos ou pelos vilarejos, pessoas juntavam-se e olhavam-nos, mas não gritavam com eles nem os perturbavam.

O sol passou para o lado esquerdo de Maria e começou a descer para o horizonte. As minúsculas sombras sob as árvores, modestas ao meio-dia, projectavam-se agora muito para lá dos troncos, como séquitos de príncipes.

À frente, a caravana começou a diminuir o passo, procurando um lugar para acampar durante a noite. Precisavam de claridade suficiente para garantir a segurança do lugar e, certamente, haveria dificuldades em relação à água.

Os poços representavam sempre problemas: em primeiro lugar, tinha de se encontrar um que desse para toda a gente e, além disso, havia a possível hostilidade por parte dos donos do poço. Já tinham morrido pessoas em disputa por um poço. Dificilmente os samaritanos diriam aos viajantes que eles eram bem-vindos aos seus poços, lhes ofereceriam baldes, acrescentando: «Bebam à vontade e dêem água também aos vossos animais».

Os líderes do grupo escolheram uma área ampla, plana, próximo da estrada, com vários poços. O lugar era ideal — desde que fossem deixados em paz. Por enquanto, havia pouca gente por perto e os galileus ergueram as suas tendas sem problemas, deram água aos animais de carga e usaram-na para si próprios. Depois de se terem estabelecido, foram colocadas sentinelas nos limites do acampamento.

A fogueira crepitava, tal como Maria gostava. Significava que o fogo tinha uma personalidade e queria falar com eles. Pelo menos, ela sempre assim o pensara. A tenda, feita de pele de cabra, era grande o bastante para

toda a família, tal como ela também gostava. Era bom estar sentada em volta do fogo, saber que estavam todos no mesmo círculo.

Agora, olhando para cada um — para o seu irmão Eli, tão bonito, e para o seu outro irmão, Silvanus, não tão bonito mas fascinante — sentiu de repente o receio de que no próximo ano, por volta desta altura, um deles já estivesse casado, e que talvez até já tivesse um filho, e que não continuasse na tenda da família, mas numa tenda sua. Não gostava da ideia. Queria que tudo continuasse como era agora, com todos eles juntos, sempre e para sempre, protegendo-se uns aos outros. A pequena família, esse pequeno círculo, tão forte e reconfortante, deveria permanecer para sempre. E, ao refrescante entardecer da Primavera samaritana, parecia que isso podia ser verdade.

•••

A noite já ia alta. Maria adormecera há já bastante tempo, com um cobertor grosso debaixo dela e o seu capote cobrindo-a. No lado de fora da tenda, as brasas de um pequeno fogo de atalaia moviam-se lenta e gentilmente, já fracas, como o respirar de um dragão. Então, de repente, ela acordou; acordou de uma maneira estranha, como se tivesse tido um sonho aflitivo. Devagar, levantou a cabeça e olhou em volta; estava tudo pouco nítido, a luz era fraca, mas ela ouvia a respiração próxima dos outros. O seu coração batia rápido, mas não se lembrava de ter tido um pesadelo. Por que estaria tão excitada?

Volta a dormir, disse a si própria. Volta a dormir. Vê, lá fora ainda está totalmente escuro. Ainda se consegue ver as estrelas todas.

Mas ela estava bem acordada e excitada. Mexeu-se, tentando encontrar uma posição confortável, virou-se no cobertor e ajeitou enchumaços que lhe serviam de almofada. Quando tentava ajeitar o cobertor, as suas mãos sentiram qualquer coisa, mesmo ao lado da almofada. Era meio pontiaguda. Curiosa, apalpou-a e não parecia ser uma pedra: era alguma coisa mais pequena, mais fina, mas não era uma ponta de flecha nem uma foicezinha, nem nada de metal. Esgravatou um pouco com os dedos e pôde sentir-lhe as arestas. Mais ansiosa, pegou no lado duro da tira de couro da sua sandália e usou-a como espátula, para desenterrar o objecto. Quando acabou por o conseguir, reparou que tinha algo gravado. Era também pálido e demasiado leve para ser uma pedra. Segurou o objecto, virando-o de um lado e do outro, mas não descobriu do que se tratava. Teria de esperar até ao raiar do dia.

E então, de repente, quase por milagre, adormeceu.

•••

A luz do dia inundou o lado oriental do céu e Maria acordou a pestanejar. A

sua família já estava de pé e movimentava-se, dobrando as mantas e começando a desarmar a tenda. Sentia-se meio atordoada, como se não tivesse dormido. E quando empurrou o capote que a cobria, sentiu o objecto que segurava na mão. Confusa, num primeiro momento, segurou-o e examinou-o.

Tinha ainda uma ligeira camada de terra, como um véu que esconde a nudez de uma bela mulher; mas, brilhando através do seu aspecto fosco, havia um rosto, um rosto de rara beleza.

Um ídolo!

Exactamente como dissera o seu pai: ela sabia-o, mesmo sem nunca ter visto um.

— E deves afastar-te dele! — tinha dito também.

Em vez disso, ela não conseguia tirar os olhos dele. O objecto atraía-a, obrigando-a a olhá-lo. Os olhos sonhadores, semiabertos; os lábios sensuais, com um sorriso que era uma curva; o cabelo espesso, puxado para trás, revelando um pescoço fino como um ceptro de marfim...

Marfim. Sim, era disso que aquele... ídolo... era feito. Era amarelado e tinha, inclusive, algumas manchas castanhas, mas era de marfim, de uma cor creme quase translúcida. Por isso é que era leve e delicado e não era pontiagudo nas extremidades.

— Quem és tu? — perguntou Maria, olhando nos seus olhos. — Há quanto tempo estavas enterrado ali?

O seu pai veio em busca dos alforges, que estavam ao seu lado e, rapidamente, ela escondeu o objecto sob o cobertor.

— Está na hora de partir — disse ele, bruscamente, abaixando-se. Maria reabriu os olhos, fingindo que acabara de acordar.

Caminhando lentamente ao lado do burro — agora era a sua mãe que o montava — Maria tacteava a sua nova posse, que tinha enfiado na longa tira de pano que lhe servia de cinto. Sabia que o devia ter mostrado logo ao pai, mas não quis fazê-lo. Queria guardá-lo. Sabia que ele a obrigaria a atirá-lo fora e, provavelmente, com uma praga.

Maria queria protegê-lo.

•••

Por volta do meio-dia, quando o sol estava mais quente, tiveram de seguir por um desvio para não passarem por um poço guardado por samaritanos. Novamente, repetiram-se as ameaças e zombarias que os peregrinos tentaram ignorar. Foi bom terem podido servir-se dos poços onde tinham acampado. Ficariam somente mais uma noite na Samaria; teriam de encontrar somente mais alguns poços para acampar.

— E pensar que foram os nossos antepassados que cavaram estes poços,

e agora nem temos o direito de beber deles! — queixou-se Eli. — Por toda esta terra fora existem poços que, na verdade, deviam pertencer-nos!

— Paz, Eli — disse Natan. — Talvez algum dia tudo isso volte para os seus donos legítimos. Ou talvez os samaritanos voltem para a verdadeira religião.

Eli olhava em volta, com repugnância. — Não conheço escritura alguma que profetize isso.

— Deve estar lá algures — disse Silvanus, que nessa manhã ficara próximo da família. — Tudo parece estar lá. Possuem uma riqueza de promessas, desde o Messias até à questão dos poços. O problema é saber interpretá-las. Parece que Javé não quis que as suas mensagens fossem facilmente compreendidas pelos seus seguidores.

Eli, sisudo, preparava-se para responder quando, de repente, ocorreu uma comoção, lá à frente, e a caravana parou. Natan deixou o grupo e correu para lá. Mas a notícia espalhou-se pelo grupo muito antes que Natan chegasse à frente da caravana.

— Ídolos! Um esconderijo de ídolos!

Rapidamente, a caravana transformara-se numa massa única e todos corriam para a frente, para ver os ídolos. O clima era de excitação — quem, de entre eles, teria realmente visto um ídolo dos antigos? Havia os modernos ídolos romanos, naturalmente, embora mesmo esses estivessem confinados a cidades como Séforis, na Galileia, que poucas das pessoas da caravana teriam ousado visitar.

Mas ídolos antigos! Aqueles ídolos lendários que os profetas amaldiçoavam e que tinham levado à ruína e ao exílio dois reinos: o do norte de Israel e o de Judá. Até os seus nomes eram pronunciados com uma espécie de medo: Baal. Astarte. Moloc. Dagon. Merodac. Baal-Berit.

Um rabino de Betsaida estava em pé à beira da estrada, perto de umas camadas rochosas com uma pequena abertura, onde dois dos seus assistentes escavavam e retiravam objectos embrulhados. Uma fila deles encontrava-se já pelo chão, jazendo como guerreiros mortos.

— A marca era perfeitamente visível! — gritava o rabino, apontando a rocha que cobria a entrada da gruta.

Por que é que ele acha que tem o direito de a abrir? Perguntava-se Maria.

— Eu sabia que era coisa do mal! — gritou o rabino, como se respondesse à pergunta silenciosa de Maria. — Devem ter sido escondidos há muito tempo, na esperança de que os seus donos voltassem para os recuperar, restaurar e recolocá-los em locais altos, ou onde quer que fosse, para serem adorados. Mas talvez tenham morrido na Assíria, o que foi justo. Desembrulhem-nos! — gritou para os seus assistentes. — Desembrulhem-nos, para

que os possamos partir e destruir! Que horror! Ídolos! Todas as abominações devem ser destruídas!

As ligaduras de pano amareladas tinham-se deteriorado de tal forma que era difícil desenrolá-las, e o rabino ordenou que as cortassem com facas. Surgiram figuras de cerâmica, rústicas, com olhos protuberantes, e braços e pernas que pareciam de pau.

Maria apertou com firmeza o tesouro que escondera no seu cinto. O seu não era feio como aqueles, era lindo.

Quando o rabino começou a partir as figuras com um porrete, Maria chegou a pensar se também deveria atirar o seu para junto dos outros. Mas a ideia daquele belo rosto a ser destruído era dolorosa. E ficou a olhar para os ídolos, abandonados àquela chuva de cacos. Um pedaço de um braço minúsculo pousou na sua manga, e ela pegou nele e examinou-o. Parecia um pequeno osso de galinha. Parecia até ter garras.

Sem pensar, enfiou-o também no seu cinto.

— Quem achas que eram? — perguntou Silvanus, de repente. — Talvez fossem deuses dos cananeus. Podiam ser qualquer coisa. — Uma chuva de pedaços de ídolos caiu sobre eles. — Bem, o que quer que fossem, deixaram de ser. Desapareceram para sempre.

Mas um deus podia desaparecer para sempre? Um deus podia ser destruído? Perguntava-se Maria. — Ai daquele que diz à madeira: «Acorda!» E à tosca pedra: «Desperta!» — gritava o rabino, golpeando os ídolos, uma última vez, com o seu porrete. — Como pode uma coisa destas proferir oráculos? Estão a ver? É revestido a ouro e prata, mas não existe vida dentro dele. — Fez uma pausa, abanando a cabeça em sinal de satisfação. Depois, apontou em direcção a Jerusalém e, com uma voz de júbilo, citou os versos do profeta Habacuc: — O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra! — Ergueu o seu cajado. — Amanhã, meus amigos! Amanhã veremos o Templo sagrado! Abençoado seja o único e eterno Eu Sou!

E cuspiu no que restava dos ídolos.